A MORTE DO HOMEM: Um debate sobre a noção de identidade fluída na modernidade líquida

Marcelo Puzio

RESUMO
Esse artigo pretende estabelecer um debate conceitual entre a constituição da identidade moderna, o surgimento da identidade pós-moderna, relacionada a noção de "modernidade líquida" do sociólogo polonês Zygmun Bauman. Nesse caminho tentaremos problematizar a constituição desses conceitos de identidade de Stuart Hall pensando em seu caráter de desconstrução, operada em hipótese pelo artigo, em suas implicações comunicacionais do tempo presente.
Palavras-chave: Identidade, Modernidade Líquida, Tempo Presente.

ABSTRACT
This article seeks to establish a conceptual debate between the formation of modern identity the emergence of postmodern identity, related to the notion of liquid modernity of the polish sociologist Bauman Zygmun. In This way we will to discuss the constitution of these conceps of identity thinking of Stuart Hall in his character of deconstruction, in no event operated by article, the implication of the present communication.
KEY WORDS: Identity, Liquid Modernity, Present Time.

Introdução

A partir da contemporaneidade, se passou a incorporar nos estudos de identidade, a noção de "crise", revelando a o aspecto conflituoso do termo e da condição a que ele quer representar.

No primeiro capitulo de seu livro "A identidade cultural da Pós-Modernidade", Hall indica uma hipótese, de que, as velhas identidades que estabilizavam o mundo social, estão em declínio e mutação, fenômeno esse que propiciou o surgimento de novas configurações de identidades, fragmentadas e múltiplas.

Essas características das novas formas das identidades demonstram que elas atravessaram um processo de adaptação a contemporaneidade, período esse configurado pela expansão de múltiplos campos sociais autônomos, e que mais tarde culminaram no deslocamento e fragmentação do paradigma da modernidade.

Nessa contemporaneidade os campos sociais religiosos, políticos, jurídicos, midiáticos, familiares, estatais, etc., do final do séc. XIX entraram em uma fase de colapso e corrosão. Ou seja, essas mesmas estruturas que nasceram como forma de autonomia de uma sociedade

eminentemente pautada pelo campo religioso, passou a ser gerenciada por esses novos espaços laicos e autônomos, dessa sociedade capitalista emergente.

Esse período foi retratado no campo intelectual como a era iluminista, e nesse momento desenvolveram-se teorias que retratavam a identidade do homem como algo essencialista e fixa, que naturalmente nascia com ele.

Essas teorias se desenvolviam através do pensamento filosófico e biológico, e que tinham como função definir o próprio núcleo e essência de nossa humanidade[1]. Para essa concepção iluminista, a identidade do sujeito era centrada e unificada dentro de características encontradas pela medicina e biologia da época. Essas características deterministas eram relacionadas a traços físicos, origem de nascimento, e posições sociais, que permaneciam inalteradas em toda a existência do sujeito.

1.0 – A Formação dos Campos Sociais: laicização e autonomização da sociedade moderna

A sociedade moderna foi marcada então, por inúmeras transformações das relações culturais, dos espaços, dos corpos, em uma nova sociabilidade pautadas por múltiplas esferas de relativa autonomia, e que formaram-se para atender as novas exigências da sociedade ascendente.

Essa emergente configuração social, impactou no modo de vida e de relação entre os indivíduos. A revolução industrial, e a reorganização do trabalho que ela também fomentou, trouxe consigo uma série de implicações sociais, principalmente na estratificação da sociedade em classes e grupos antagônicos.

A partir do século XX, essa sociedade ocidental iniciou um processo de desenvolvimento amplo em todas as suas estruturas, e que paulatinamente foram organizando sua interdependência, nesse momento as cidades aparecem como grandes conglomerados de espaços que se inter-relacionam.

Essa forma da sociedade a qual vivenciamos nos dias de hoje, só foi possível através de uma profunda transformação cultural, e que tem por base o descentramento das imagens daquele mundo medieval, em que eles estavam inseridos e o vivenciavam. Ou seja, a religião deixava de ser o único fator que determinaria as explicações do mundo social.

[1] HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6.ed.-Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Segundo Esteves (2003, p 116) o descentramento das imagens do mundo apenas pode concretizar-se quando a religião deixou de garantir por sua exclusiva conta tanto a integração social como a reprodução cultural.

Ainda segundo Esteves (2003, p 116) este novo estatuto da religião contém germes da modernidade e nele radicam os primeiros fundamentos da teoria dos campos, isto é, de um processo de desenvolvimento que tem por base a progressiva diferenciação e autonomização dos campos sociais.

A religião deixa de possuir a exclusividade do discurso unificador e homogeneizador da experiência humana, o que permitiu o surgimento de outros domínios autonomizados, a que chamamos de campos sociais.

A partir do surgimento de novos campos sociais é que a modernidade impôs um processo de racionalização social, o que resultou na obtenção de um novo imaginário, constituída por uma pluralidade de universos simbólicos, agora profanizados.

Para Esteves (2003, p. 117) a linguagem nesse novo universo social assume um papel essencial para compreender o processo de autonomização dos campos sociais e, em particular a formação de um campo dos media como uma resposta funcional as crescentes exigências comunicacionais induzidas pelos outros campos sociais.

Essa nova racionalização relacionada ao processo da modernidade levou a sociedade a um conjunto de procedimentos institucionais ao nível da organização dos espaços e dos corpos. E também de progressiva autonomização dos diferentes campos sociais, correspondendo cada qual a um dos domínios autónomos da experiência intersubjetiva, ou seja, através desses campos constituiu-se uma nova maneira de gerenciar a experiência coletiva. A linguagem adquire suma importância nessa coordenação dos acordos sociais.

Segundo Esteves (2003, p. 123) com a constituição do campo dos media, assistimos á emergência de um conjunto de novos valores, relacionados, por exemplo, com a transparência das relações sociais, a liberdade na vida pública, a equidade na participação discursiva, etc. Estes valores são como que elementos primários de ligação entre o sistema social e o meio (no caso, representado pelo sistema cultural: a partir deles geram-se padrões de vida que passam a suportar o funcionamento da sociedade.

Para adquirir está autonomia e legitimidade, um campo social necessita atingir um nível suficiente de especialização do saber instrumental para ditar com autoridade publicamente

reconhecida o seu saber. Ou seja, é pelo saber instrumental que se instaura o processo de autonomização dos indivíduos em relação às instancias tradicionais de legitimação do discurso e da ação.

Com o surgimento do campo dos media, a sociedade potencializa sua autonomia, pois gerencia melhor a cultura e o fluxo de informações, de uma maneira geral sua experiência.

Segundo Rodrigues (1999, p. 16) a fundamentação racional da experiência moderna está intimamente associada às novas modalidades do saber, distintas da sabedoria tradicional. O saber moderno visa a explicação dos fenómenos, a formulação das regras do seu funcionamento e a compreensão da sua organização, em vez das explicações herdadas da tradição. O resultado é, como vimos, o aparecimento da figura do especialista que substitui a do sábio.[2]

Na Europa medieval do século XII, surgem as universidades, especificamente na Itália e na França para o estudo de direito, medicina e teologia. Essas primeiras instituições contribuíram mais tarde para o fortalecimento dos estudos das ciências modernas e as especializações cientificas.

Ao instituir-se na sociedade, os campos entram em um processo de autonomização de seus espaços, para a formulação de suas próprias competências, e leis internas, que correspondem a suas próprias demandas, e objetivos a cumprir. O desenvolvimento dessas funções equivale ao estágio de tecnicidade de determinado campo, e a maneira que desempenham suas funções técnicas e discursivas.

2.0 Por um domínio da técnica: o nascimento da especialização

Com o desenvolvimento desses campos a que fizemos um resgate histórico, eles iniciaram um processo de "especialização" de determinadas funções, capacitando aqueles que exercem as funções internas deles, e transformando-nos em detentores da legitimidade simbólica e pragmática de determinado domínio da experiência. Legitimando o saber de determinados agentes em detrimento de outros.

Como afirma Duarte (1999, p. 18) a sua legitimidade adquire-se, não através da transmissão de uma sabedoria, mas pela aquisição de uma disciplina, no duplo sentido do termo, o do saber discursivamente formulado, e o de uma hexis ou um ethos, espécie de hábito adquirido, ao longo da formação, que habilita os seus detentores para o exercício competente de uma profissão, das

decisões, dos gestos e das atitudes adequados à intervenção num determinado domínio da experiência. É a este processo que damos o nome de disciplinarização moderna da experiência.

Assim, os campos sociais passam a hegemonizar o discurso sobre determinadas ações, criando as regras que devem ser observadas e postas em prática. Esses campos passam a intervir com relativo sucesso no domínio da experiência sobre o qual detém a competência. E assim, criando um determinado poder simbólico sobre a manipulação dos objetos com o qual ele se propõe a discursar. Essa forma autorizada de determinadas estruturas a objetivar seu conhecimento sobre o mundo social é o que configura a modernidade.

2.0 As identidades em questão: mapeando seus deslocamentos.

Como vimos, a modernidade constituiu suas identidades através dos discursos gerados naquele período, e que para Hall, não é mais condizente entendermos as identidades sobre esse mesmo prisma, pois na contemporaneidade o nosso próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório e variável. Ao meu ver adaptativo, com as necessidades contextuais e momentâneas de processos informacionais exponencialmente intensos. E que gerou uma identidade mais relacional, flexível, que conforta o indivíduo nessa combinação híbrida da malha social do contemporâneo.

Nessa perspectiva, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Nela depositamos nossa força de idealização, de aproximação para com as realidades, um sistema de proteção e localização do nosso eu. Uma construção simbólica, da nossa relação com as estruturas que compõe o mundo social.

Para Hall, essa desconstrução das identidades é relacionado ao fenômeno da globalização, caracterizando emblematicamente a sociedade da modernidade tardia. Sociedade essa determinada pela diferença e antagonismos sociais, que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito, que se inter-relacionam.

Para o sociólogo a modernidade construiu uma noção de sujeito especifico, individualizado, característica que nos tempos pré-modernos era vivida de maneira diferente. As transformações associadas á modernidade (A reforma protestante, e as revoluções cientificas) libertaram o sujeito de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Surge a partir disso, paulatinamente o sujeito homem, soberano e consciente de sua razão.

A Figura emblemática dessa potencialização é René Descartes, visto como o pai da filosofia moderna, e criador da noção de sujeito instituído inerentemente de razão, e localizado no centro do conhecimento. Ele desenvolveu a imagem do homem soberano de sua natureza, de sua racionalidade, e ordenação do mundo social. A emergência dessa noção de individuo, no sentido moderno, pode ser relacionada ao colapso da ordem social, econômica e religiosa medieval. E também pelo florescimento do discurso cientifico.

Depois desse surgimento do homem moderno, Stuart Hall vai pontuar os grandes descentramentos teóricos que contribuíram para o deslocamento da noção de identidade iluminista, moderna, cartesiana. Começando com a teoria marxista de estrutura.

Para a Althusser, emblemático estruturalista dos anos 60, parafraseando Marx – "os homens fazem historia, mas apenas sob as condições que lhes são dadas", ou seja, o individuo não agia conscientemente, ele era determinado pelo contexto lhe dado. Segundo o movimento estruturalista, o sujeito era inserido em uma gama de estruturas e sub-estruturas, que faziam-no consumir suas regras, valores, ideais, significações Para poder agir de acordo com o seu funcionamento.

A teoria estruturalista advém da linguista, que vislumbra a língua como um campo já dotado de regras de comunicação, e nela o individuo apenas interioriza seus componentes para poder usá-los em múltiplas combinações já prevista e limitada pelo campo da linguagem.

Para Saussure, nós não somos em nenhum sentido, autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. Falar uma língua significa ativar uma imensa gama de significações que já estão embutidos em um sistema amplo de símbolos que dão sentido a nossa cultura. O sujeito construiria uma narrativa, ou discurso de si mesmo, mas que estaria articulado a uma estrutura linguística que daria legitimidade a sua tomada de consciência.

Nesse sentido não é apenas o contexto que determina o significado, mas as significações determinariam o contexto.

Nessa rota, outro deslocamento apontando por Hall, vem da noção de inconsciente, criada por Freud. Que desmonta a visão de sujeito cognoscente e racional, provido de uma identidade fica e unificada. " O penso, logo existo" cartesiano é descontruído nesse momento, por uma série de estruturas de desejo, processos psíquicos, simbólicos e inconscientes que formam nosso pensamento e identidade.

Segundo Hall (2001, p. 37) ao Lacan ler Freud diz: a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade. Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, mas é formada em relação com os outros, especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem suas figuras paternas e maternas. Naquilo que Lacan chama de fase do espelho, ou seja, a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer auto-imagem como uma pessoa inteira , se vê ou se imagina a si própria refletida – seja literalmente no espelho ou figurativamente no espelho do olhar do outro.

Não obstante a revolução intelectual realizada por esses pensadores, o plano social também compunha um cenário bastante efervescente para o deslocamento do sujeito cartesiano. A década de 60 é marcada pelo surgimento dos novos movimentos sociais, revoltas estudantis, grupos de contra-cultura, feministas, etc. Um momento altamente fecundo para a fluidez da noção de identidade.

Outro aspecto apontado por Hall, mas que podemos relacionar também aos trabalhos do sociólogo polonês Zigmun Bauman é sobre os efeitos da globalização nas identidades sociais. Que ao meu ver, são fatores determinantes para a condição delas apontadas no texto.

Ao ler Bauman, notamos que a globalização é um fenômeno que caracteriza a nossa contemporaneidade, legitima e amplifica as relações de poder do capital, esvazia os campos sociais da “ética”, visando dar autonomia para suas próprias lógicas de produção material e simbólica.

Nesse cenário os meios de comunicação de massa, potencializam a hibridização de identidades, transformando tudo em espetáculo e estética, aquilo que pertencia apenas ao mundo da fantasia, migrou para a vida real, e vice-versa. Jean Baudrillard chama essas representações do mundo de “simulacro”, ou seja, locais que idealizam a vida e as relações sociais.

Segundo Camus (1996, p.157) As pessoas da modernidade líquida sofrem por incapacidade de possuir o mundo de forma suficientemente completa, por tentar fazer de sua vida uma obra de arte e por buscar uma identidade difícil de encontrar num mundo de coisas deliberadamente instáveis. O pensamento e a prática unidimensionais que dominam essa nova sociedade, diz Bauman, aparentam inteira preocupação com o sujeito individual, mas, concretamente, dissolvem-no na

racionalidade das escolhas econômicas, convertendo-o em mero cumpridor de papéis sociais, definidos conforme as conveniências do mercado. [3]

Essa natureza da sociedade pós-moderna ou hipermoderna desterritorializa os pontos de referência, que antes direcionavam as identidades. A região, a nação, a igreja, a família, o trabalho, a escola, as relações tempo-espaço, ambos sofrem alterações com essa nova dinâmica informacional e cultural do contemporâneo. As influências não deixam de existir sobre as identidades, o que ocorre é um afrouxamento das identificações com as estruturas e uma fragmentação dos códigos culturais.

Hall lida com a noção de identidade partilhada, baseada na diferença e no pluralismo de valores, que são adquiridos no que o sociólogo chama de "supermercado cultural", ou seja, um fenômeno que em grande medida tende a homogeneizar toda a cultura, em um grande centro imaginário e comunicacional. Essa construção cultural é feita por um conjunto de mecanismos de informação, inseridos em um campo amplo de disputas por mercado.

Esse efeito produz um rearranjo entre o local e o global, devido a aproximação da cultura mundial feita pelos meios de informação. A ampliação dessa comunicação global, de rompimento aparente entre essas duas fronteiras, feita de um lado pela internet, e de outro lado, pela indústria cultural, são os principais atores desse processo indeterminado de produção de identidades.

A indústria cultural reapropria, e também cria personagens em sua produção, e isso amplia os ideais de sujeito, os seja, os estereótipos, antes limitados por um número determinado de perfis, ou melhor, papeis sociais. Fato esse, que se potencializa a partir desse movimento de criação.

Já a internet, com seu efeito de teia global, aproxima sujeitos de espaços geográficos distintos, e nessa aproximação traz juntamente suas influencias culturais, e que acabam influenciando suas identidades.

Contudo, a web tem suas especificidades, e transforma a sociedade naquilo que Castells chama de sociedade das redes, ou seja, uma forma específica de estrutura social, que pode ser identificada como da era da informação. Assim como a sociedade industrial caracterizou a estrutura social do capitalismo as redes seriam figuras chave da morfologia social.

[3] Escritor e filósofo francês (1913-1960), expressou uma visão da humanidade num universo absurdo, considerando como única possibilidade de liberdade e dignidade a consciência desse absurdo. Nova Enciclopédia ilustrada Folha. V. 1. São Paulo: Publifolha, 1996, p. 157.

Ela é produto dessa configuração é compreendida hoje como uma das mais expressivas mídias, juntamente com a televisão, a indústria impressa e o radio, contudo, ela ainda articula relações mais horizontais, em relação as demais mídias, que se apresentam de maneira vertical.

Portanto, mostra-se como um espaço formado por uma teia complexa e extremamente assimétrica de atores, onde a capacidade de comunicação e de acesso à informação relevante não depende exclusivamente daqueles elementos que no passado garantiam o acesso à esfera pública liberal: poder econômico, político e conhecimento.

Será que essa nova forma de produção de informação leva a sociedade a produzir uma nova característica de esfera pública, na qual Pierre Levy (1994) chama de "inteligência coletiva"?. Ao que tudo indica, a expansão da internet está constituindo um ciberespaço no qual a esfera pública global se articula, e possibilita romper com a hegemonia dos grandes meios de comunicação, inserindo novos mecanismos de informação para contribuir no debate e consequentemente fortalecer a opinião, nesse caso política.

Segundo Denis de Morais (2000, p.3) O ambiente interativo, cooperativo e descentralizado da Internet introduz um componente inesperado e criativo nas lutas sociais da segunda metade dos anos 90. Partidos, sindicatos, organizações não-governamentais e até grupos guerrilheiros, ainda que eventualmente separados por estratégias e táticas de ação, descobrem no ciberespaço possibilidades de difundir suas reivindicações. [4]

A internet potencializa o que já estava posto em uma realidade off line, ou seja, fora da web, e utilizam-na para uma disseminação de seus ideais políticos, partidários, ideológicos. O que antes ficava restrito via inserção na mídia de massa, com a internet isso sofre uma alteração.

Para Morais (2003, p.4) a militância *on line* começou a alargar a teia comunicacional planetária, usufruindo de uma das singularidades do ciberespaço: a capacidade de disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades, formas e expressões de vida. A cibercultura universaliza as visões de mundo mais díspares, os modos de organização social mais contrastantes, as ambições mais difusas, sem favorecer pensamentos únicos ou domínios por coerção. Trata-se de um âmbito virtual de conhecimentos múltiplos, que congrega forças, ímpetos e interesses contraditórios.

Ela contribui, mas não cria por si só, ou seja, ela não tem força social de mobilização se estiver sem conexões com a realidade. Ela possui um forte poder de amplificar e não criar movimentos nem condições isoladamente. Participando do processo de construção das realidades, a partir de suas condições e lógicas próprias.

Para o autor não se tem a total pretensão de atingir milhões de pessoas, privilégio dos que detêm o controle dos meios de comunicação da mídia hegemônica. O que se busca é promover a disseminação de ideias e o máximo de intercâmbios.

A web como mecanismo da mídia, contribui para desmitificarmos algumas opiniões a cerca de seus potenciais e usos, principalmente no que se refere a sua capacidade de construção da opinião pública.

Determinados estudos que abordam o inicio da popularização da internet, e principalmente sua relação com a política indicavam que ela poderia se transformar na "nova ágora" ou seja, o espaço contemporâneo ideal da discussão política.

Segundo essa perspectiva, a web produziria um deslocamento do ambiente antes centralizado na esfera pública, que no passado remetia-se aos cafés e praças, onde se discutiam assuntos da ordem política, e agora passariam para os espaços virtuais, não presenciais.

3.0. Conclusão

Como visto, o trabalho apresentado tentou reconstruir alguns elementos sócio-historicos que contribuíram para o deslocamento daquilo que denominamos como identidade do homem moderno. Ou seja, aquela identidade que centraria o sujeito na sociedade que a constituiu, em torno da instituição religiosa fundamentalmente.

Com o surgimento de novas atmosferas culturais, a que chamamos de campos sociais, produzem-se novos horizontes de subjetividade, e logo a possibilidade de criar novas formas de identidades culturais, ou como abordamos também, hibridizam-se essas identidades.

Um dos pensadores a que nos debruçamos a vislumbrar, é o sociólogo Stuart Hall, que através de seus estudos sobre as implicações das identidades no proporcionou um caminho amplo de reflexão sobre esses deslocamentos, e da própria noção de identidade.

Outra hipótese levantada pelo texto é de que os meios de comunicação potencializaram essas novas relações sociais, e consequentemente a esses novos contatos, eles proporcionaram um novo feixe de influências, vindas de múltiplos lugares do planeta.

Dentro desse campo dos mídia a internet ganha um papel de protagonista nessa força de intensificar as interconexões culturais, e através do processo de circularidade cultural, surgem novos segmentos identitários.

REFERÊNCIAS

MORAIS, Denis. **Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet.** 2000. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. XXIII, nº 2, julho/dezembro de 2000. Encontrado em :http://www.portcom.intercom.org.br/ojs-2.3.2/index.php/revistaintercom/article/viewFile/501/471 acesso em: 07/04/11. p.3

ESTEVES, Pissara João. **A Ética da Comunicação e os Media Modernos**. Legitimidade e Poder nas Sociedades Complexas. Ed. Fundação CalousteGulbenkian. Lisboa, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6.ed.-Rio de Janeiro: DP&A, 2001

Rodrigues. Adriano Duarte. **Experiência, Modernidade e o Campo dos Media**. Artigo publicado em 1999. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf